

Grandes desacertos

Rogério L. Furquim Werneck*

A análise de como o Planalto vem lidando com três grandes desafios com que agora se defronta deixa claro como decisões cruciais do presidente continuam pautadas por visões distorcidas, altamente lesivas a seus melhores interesses. Basta ter em conta as escalações recentes que Lula da Silva fez para a presidência da Petrobras e para a recém-criada Secretaria Extraordinária para Apoio à Reconstrução do Rio Grande do Sul. E, também, as considerações que, tudo indica, acabarão dominando sua escolha do nome a ser indicado para a presidência do Banco Central.

No caso da Petrobras, a fritura do Jean Paul Prates abriu as portas, afinal, para o sôfrego desembarque desimpedido do PT na empresa. Das tormentosas relações dos governos petistas com a Petrobras, Lula nada aprendeu e nada esqueceu. Sabe melhor do que ninguém o quanto se lambuzaram na empresa, seja pela gestão catastrófica que a ela impuseram, seja pela montagem da colossal rede de corrupção do petrolão.

Estivesse assombrado pelos fantasmas do passado, o presidente deveria, a esta altura, estar preocupado em dispensar à Petrobras um tratamento comedido e austero, que a mantivesse a salvo da voracidade político-partidária, tirando bom proveito do penoso esforço de reconstrução por que a empresa teve de passar a partir de 2016.

O que agora se vê, contudo, é o governo empenhado em remontar, a toque de caixa, o circo de horrores na Petrobras. E reabrir o processo de dilapidação do farto excedente que a empresa gera para atendimento de interesses espúrios de todo tipo e, claro, condução de uma política populista de preços de combustíveis. A nova presidente da empresa tem currículo respeitável, mas bem sabe que foi nomeada para insistir, com determinação, no mesmo rosário de erros passados. Não será obstáculo ao avanço dessa agenda.

No caso da nomeação do ministro que deverá comandar a ação federal na reconstrução do Rio Grande do Sul, a visão distorcida é outra. A própria ideia da criação do cargo tem sido objeto de controvérsia. Mas o governo sempre poderá alegar, com razão, que a iniciativa foi instigada pela conclamação do governador Eduardo Leite para um esforço nacional de reconstrução do seu Estado, inspirado no Plano Marshall, o programa de reconstrução da Europa patrocinado pelo governo norte-americano.

O que, sim, merece crítica é a decisão de entregar o novo cargo ao deputado Paulo Pimenta que, além de ter-se tornado um estorvo para o Planalto, por seu desempenho

mediocre à frente da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, é pré-candidato declarado a governador do Estado.

Diante da comoção nacional com a tragédia que se abateu sobre o Rio Grande, Lula perdeu a oportunidade de mostrar grandeza, com a escolha de um nome suprapartidário respeitável e talhado para a função. Ou, caso fizesse questão de se ater ao elenco petista, com a nomeação de um nome de fora do Estado, com mais estatura, capacidade de formulação e experiência executiva.

Tendo se deixado apequenar pelo oportunismo eleitoreiro nessa nomeação, Lula parece ainda não ter se dado conta das reais proporções do desafio com que o País agora se defronta no Rio Grande do Sul.

Quanto à indicação do novo presidente do Banco Central, a visão distorcida que tende a prevalecer é bem conhecida. Lula jamais escondeu sua ojeriza à ideia de que o Banco Central deve operar com independência em relação ao governo. Pouco lhe importa, que mundo afora, seja esse o arranjo vigente nas economias avançadas e em boa parte das emergentes.

Não lhe passa pela cabeça não ter controle estrito sobre a instituição. E, a se julgar pela feira de declarações irritadas que tem dado a esse respeito, desde a campanha presidencial, é difícil que não acabe indicando um *yes-man*. Em bom português, um paumandado.

Três grandes desacertos de altíssimo custo. Tendo já atravessado mais de um terço do seu mandato, Lula vem abusando de seu direito de errar.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.